

**Susanne S. D. Themlitz**

Três linhas, um canto vezes quatro. E uma paisagem.

**Inauguração: 22 Março, 22 h**

23 Março – 5 Maio 2018

Terça a Sexta: 14 –19 h

Sábado: 10 –13 h, 14 –19 h

*Três linhas, um canto vezes quatro. E uma paisagem.* é o título da mais recente exposição de Susanne S. D. Themlitz na Galeria Vera Cortês, em que é apresentado um conjunto de pinturas e esculturas que revelam composições, tão silenciosas quão misteriosas, de formas desconhecidas mas familiares. O título remete para o pensamento sempre visual da artista que mais uma vez constrói uma exposição-ambiente que convida o espectador a uma relação de proximidade com as obras.

Em toda a exposição persiste, em omnipresença, a paisagem tal como sugerido pelo título. Aquilo que distingue a paisagem da natureza é a acção do olho humano que selecciona, (re)corta, representa ou (re) apresenta motivos da natureza humanizada. A escolha cromática, tão própria do universo onírico de Themlitz, mostra essa invenção da paisagem que não sendo verosímil não deixa de ser real, uma vez que as imagens são performativas e produzem realidade.

As esculturas apresentadas - *A mão passa pela aresta, a madeira com fenda, três linhas e uma paisagem* e *Memória suspensa (Geografia deslocada)* - trazem também para a exposição essa (con)figuração inventiva do natural. As formas que revelam não têm qualquer referente óbvio, mas fazem parte de um universo imagético que se reconhece e com o qual é possível estabelecer uma relação. A dificuldade reside em reconhecer a origem dessa familiaridade visual e háptica, talvez porque esteja difusa em referências culturais e imagéticas, elas próprias metamórficas.

Se cada obra possui uma individualidade singular, no seu conjunto os trabalhos de Themlitz concorrem para a criação de uma atmosfera de intimidade que envolve o espectador e que pode ser sintetizada pelo título de uma das séries em exposição - *Pensar no silêncio*. Na origem das telas de Susanne S. D. Themlitz estão as palavras, imagens e ideias de Peter Zumthor, no livro *Atmosferas*. O livro de Zumthor, arquitecto conhecido pelo Museu Kolumba, em Colónia, reproduz uma das suas conferências em que a atmosfera é descrita enquanto qualidade maior da arquitectura. Para o arquitecto, com quem Themlitz tem vindo a desenvolver um diálogo (fictício), a atmosfera de um lugar constrói-se nas emoções e sensibilidade que auxiliam o ser humano a viver bem e de forma harmoniosa. Para essa harmonia contribui a sincronia entre natureza, paisagem e arquitectura transversal à obra de Susanne S. D. Themlitz.

*Três linhas, um canto vezes quatro. E uma paisagem.* é também uma atmosfera, no sentido que lhe confere Zumthor, e para ela contribui a coreografia a que as obras convidam os espectadores. Seja pelo detalhe, dimensão, estranheza cromática ou desconfiança-curiosidade relativa à materialidade, ao espectador é exigida uma proximidade íntima e silenciosa, um olhar atento e privado, um estar com a obra, que dá continuidade ao trabalho de Themlitz: um trabalho que amplia, no olho do espectador, os afectos e a intimidade.

Ana Cristina Cachola  
Março de 2018

**Susanne S. D. Themlitz**

Três linhas, um canto vezes quatro. E uma paisagem.

**Opening: 22 March, 10 pm**

23 March – 5 May 2018

Tuesday to Friday: 2 –7 pm

Saturday: 10 am –1 pm, 2 –7 pm

*Três linhas, um canto vezes quatro. E uma paisagem.* (Three lines, a corner times four. And a landscape.) is the title of the most recent exhibition by Susanne S. D. Themlitz at the Galeria Vera Cortês. The show consists of a series of paintings and sculptures that reveal compositions — as silent as they are mysterious — of unknown yet familiar shapes. In this title, we can recognize the ever-visual thought processes of the artist, who — once again — offers us an ambiance/exhibition that invites the spectator to establish a close relationship with her works.

As the title suggests, landscape is a ubiquitous element in the exhibition. What distinguishes landscape from nature is the action of the human gaze, selecting, cutting out, and (re)presenting motifs of a humanized nature. Themlitz's chromatic choices, typical of her dreamlike universe, reveal the invention of a landscape that, even if implausible, is real — being that images are performative and produce reality.

The sculptures presented in the show — *A mão passa pela aresta, a madeira com fenda, três linhas e uma paisagem* (The Hand on the Edge, Wood with Slit, Three Lines and a Landscape) e *Memória suspensa (Geografia deslocada)* [Suspended Memory (Displaced Geography)] — also bring into the gallery that inventive (con)figuration of the natural. The forms presented by the artist have no obvious referent, but are part of an imagery we can recognize and relate to. The difficulty is in recognizing this haptic and visual familiarity, perhaps because it has its origins in diffuse and metamorphic cultural references.

Even if all the works by Themlitz are endowed with a singular individuality, together they create an intimate atmosphere that envelops the spectator and is condensed in the title of one of the series in the show — *Pensar no silêncio* (Thinking about Silence). At the origin of Susanne S. D. Themlitz's paintings, we find the words, the images and ideas registered by Peter Zumthor in his book *Atmospheres*. An architect known for the building of the Kolumba, a museum in Cologne, Germany, Zumthor describes atmosphere as a key element of architecture. To the architect, with whom Themlitz has been developing a (fictitious) dialogue, the atmosphere of any given place is built from the emotions and sensibilities that contribute to a harmonious and comfortable human life. The synchronicity between nature, landscape and architecture we always find in

Themlitz's work also help in furthering this harmony.

In the sense intended by Zumthor *Três linhas, um canto vezes quatro. E uma paisagem*. is also an atmosphere, one that drinks from the choreography produced by spectators and works of art, as the latter — because of their detail, dimension, chromatic strangeness or distrustful and curious character — demand from the former a silent but intimate proximity, a private and observant gaze, a state of being there that gives continuity to Themlitz's work: a work that extends affections and intimacy into the gaze of the spectator.

Ana Cristina Cachola

March 2018